



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2018: SIC - XXX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2018
<b>Local</b>	Campus do Vale - UFRGS
<b>Título</b>	A função da fantasia nas narrativas configuradas por uma equipe de Creas acerca da violência sexual
<b>Autor</b>	LAURA MIRAPALHETE GRAÑA
<b>Orientador</b>	LUCIANE DE CONTI

## A função da fantasia nas narrativas configuradas por uma equipe de Creas acerca da violência sexual

Autora: Laura Mirapalhete Graña

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luciane De Conti

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Esse trabalho é um recorte da pesquisa intitulada *A tessitura da escuta a crianças em situação de violência/abuso sexual pelos profissionais na rede de assistência*, que tem por objetivo geral investigar os efeitos de significação que a oferta da escuta a crianças em situação de abuso sexual e seus familiares produz nos profissionais responsáveis pela sua assistência. A produção de dados foi feita ao longo do acompanhamento às reuniões de equipe de um CREAS em Porto Alegre, que foram gravadas e transcritas. Para a análise desse material nos baseamos na metodologia de construção do caso clínico. Este recurso se apoia sobretudo na proposta de Nasio, o qual coloca que uma das condições para a elaboração de um caso é guardar na pré-consciência, no momento da escuta, o *esquema da análise*, delimitado pelo conjunto de hipóteses que definem a problemática principal do 'paciente'. Em nosso estudo, tomamos as narrativas configuradas nas reuniões pela equipe enquanto caso clínico. Para isso, realizamos, inicialmente, a escuta das narrativas desenvolvidas pela equipe tendo como referência a proposta freudiana de atenção flutuante, visando apontar os significantes que se sobressaíam nessas narrativas. Os significantes que decantaram dessa escuta constituíram, em um segundo momento, nosso *esquema da análise*, cujo aprofundamento analítico nos direcionou ao conceito de fantasia enquanto operador potente na tarefa de elaborar a tessitura narrativa configurada nas reuniões. Esta compreensão torna-se bastante pertinente para a pesquisa na medida em que tomamos o papel fundamental da fantasia enquanto aquilo que permite tangenciar o real: à semelhança do que ocorre em uma sessão analítica, a reunião de equipe tem a função de encadear significantes em uma narrativa que dê bordas simbólicas aquilo que parece intolerável, pois se inscreve na ordem do real. A reunião de equipe se constitui, dessa forma, não apenas como o momento de discussão e deliberação a respeito da melhor forma de intervenção em determinada família, mas sobretudo como espaço para o trabalho de articulação fantasmática, sendo esta entendida como a rede de significantes que dão sentido ao real. O acesso pleno ao real, porém, como aponta Lacan, é uma impossibilidade, restando ao falante cercá-lo, furá-lo. Esta é a função da articulação significante engendrada pela construção de uma fantasia. A fantasia possibilita, portanto, a apropriação da equipe a respeito das situações vivenciadas, tornando-as passíveis de serem delimitadas através da construção de cena. Esta cena é um enquadre possível do real, um (re)corte, e é esta 'janela' que impõe o limite à angústia, pois tem efeito de corte. O efeito de corte, na psicanálise, é produzir e dar conta da angústia, e é precisamente esta a função da reunião (assim como a função dos cortes na estruturação psíquica): a delimitação, o corte no real (a articulação da fantasia - a janela), para a produção e o atravessamento da angústia. A discussão das situações de violência sexual nas reuniões é, enfim, uma tentativa de elaboração narrativa do real através da travessia fantasmática, que será invariavelmente frustrada/frustrante, pois esta passagem da cena ao significante é fadada a ser incompleta. E, ainda assim, é o trabalho possível diante do real, e de necessidade vital para um fazer não-adoecedor na assistência social.